

Uma análise de gênero sobre a crise econômica global – suas múltiplas causas e múltiplos impactos¹

Diana Aguiar²

O objetivo da análise a seguir é apresentar um breve panorama do que o uso da categoria de gênero traz em termos da avaliação das múltiplas causas e dos múltiplos impactos da crise econômica global.

Em primeiro lugar, em relação às **causas**: podemos dizer que existe um amplo acordo de que a separação artificial entre o mercado financeiro e a chamada economia real estabeleceu o ambiente para um modelo que é propício para o tipo de especulação que levou à crise. Mas os atuais debates não consideram uma outra separação artificial que está na base destes modos de produção e consumo falidos. Quando nos perguntamos "o que está escondido?", encontramos uma outra **separação fundamentalmente artificial**: a separação entre a economia de mercado e a reprodução social. Esta separação está na base do atual modelo, mas é raramente, ou nunca, consistentemente criticada.

Isto significa, por exemplo, que este modelo – bem como em geral as análises em torno deste – ignora o valor agregado e o aspecto da produtividade inerente ao trabalho do cuidado (*care work*) não-remunerado. Atividades como o cuidado das crianças e a preparação da comida nos lares são consideradas como extra-econômicas. Dessa forma, este modelo externaliza os custos sociais e ecológicos de manutenção e de reprodução social da vida humana, transferindo-os dos mercados para os indivíduos (especialmente as mulheres), as comunidades e o meio ambiente. Ao não reconhecer a importância fundamental da reprodução social para a vida e o bem-estar das pessoas, este modelo logra manter-se baseado em uma lógica insustentável de crescimento econômico e lucro. Ao mesmo tempo, isso permite que o modelo negligencie continuamente a sua própria insustentabilidade, incorrendo em fardos especialmente severos sobre alguns indivíduos, principalmente as mulheres.

Agora, em termos de **impactos**, o que uma análise de gênero traz? Em tempos de crise, esses fardos acima mencionados são aumentados. Os custos do desemprego, da deterioração das condições de trabalho, da contração do comércio e da diminuição dos gastos públicos são direcionados às famílias, o que algumas feministas convencionaram chamar de "**download dos custos da crise para a cozinha**". As mulheres dentro das famílias são especialmente atingidas já que elas mais freqüentemente realizam trabalho não-remunerado adicional para preencher as lacunas de prestação de serviços básicos pelos governos, por exemplo, ou recorrem ao trabalho informal e/ou migram para sobreviver.

Neste contexto, **a crise provavelmente não só reforçará as desigualdades existentes entre e dentro dos países, mas também as desigualdades de gênero através destes**. Há uma preocupação evidente de que os progressos alcançados no empoderamento das mulheres e na equidade de gênero possam sofrer um grave revés.

Por isso, para onde devemos nos voltar a fim de avaliar e tratar os impactos da crise

¹ As idéias contidas nesse artigo foram apresentadas no primeiro Simpósio Público da UNCTAD: "The Global Economic Crisis and Development – the way forward" em Genebra em 18 de maio de 2009.

² Diana Aguiar é Coordenadora Global de Projetos da Rede Internacional de Gênero e Comércio (International Gender and Trade Network - IGTN) com sede no Instituto Equit, Rio de Janeiro. O Instituto Equit coordena o GT Gênero da REBRIP e integra a Coordenação do Comitê de Mulheres da Aliança Social Continental.

sobre as mulheres? Para isto, é fundamental estabelecer um quadro amplo para detectar as diferentes vias de transmissão da crise para os indivíduos – mulheres e homens. **A vulnerabilidade de cada indivíduo – mulher ou homem – depende da sua posição na economia global, antes da crise.** Por exemplo, o quão duramente atingido pela crise está o país onde vivem? Este país dispõe de autonomia política (*policy space*), de recursos e de um projeto político para responder à crise de uma forma que considere as necessidades específicas de gênero? Qual era a posição de cada mulher e de cada homem no mundo do trabalho antes da crise? Quais eram suas contribuições agregadas ao trabalho formal, informal e não-remunerado? Quais são os impactos da crise nos setores da economia nos quais se concentram?

Por exemplo, o declínio da demanda por produtos e serviços altamente intensivos em mão-de-obra feminina – tais como os da indústria têxtil, da agroindústria e as despesas com turismo – irá empurrar ainda mais as mulheres para o desemprego e o trabalho informal. Além do fato de que o trabalho feminino está concentrado em setores da economia que estão gravemente afetados pela crise, há também uma dupla ameaça para o trabalho feminino, pois muitas vezes as mulheres tendem a ser despedidas primeiro porque não são vistas culturalmente como provedoras essenciais de renda para as famílias.

Além disso, em um contexto em que a liberalização do comércio na agricultura tem sido feita através da priorização da produção em larga escala orientada para a exportação, a crise financeira diminui o já escasso acesso a crédito das pequenas agricultoras, assim ameaçando ainda mais a segurança alimentar. Isto é especialmente grave para as famílias rurais chefiadas por mulheres já que o acesso destas ao crédito tende a ser sempre menor.

O declínio das remessas de migrantes, fundamental para muitos países em desenvolvimento, também terá um impacto específico de gênero. As mulheres migrantes e as mulheres como receptoras dessas remessas serão afetadas. Por exemplo, as mulheres que migram para o Norte estão muitas vezes concentradas em trabalhos mais instáveis – que são freqüentemente vistos como profissões tradicionalmente femininas – como o trabalho doméstico e o trabalho de cuidado. Estes setores já estão passando por grandes dificuldades, o que provavelmente vai aumentar na medida em que o trabalho doméstico remunerado é um dos primeiros custos a ser cortado pelos núcleos familiares.

Além disso, **se os impactos da crise já ameaçam desproporcionalmente às mulheres, as políticas que têm sido desenvolvidas pelos governos para responder à crise tampouco as ajudam.** Por um lado, os países que têm receita suficiente para levar a cabo pacotes de estímulo fiscal optaram por salvar setores da economia tradicionalmente masculinos, tais como a indústria automobilística e o setor financeiro.

Por outro lado, os países em desenvolvimento que não têm receitas suficientes estão especialmente suscetíveis a reduzir as despesas públicas ou recorrer às instituições financeiras internacionais para crédito. Essas instituições, por sua vez, continuam a aplicar condicionalidades para a adoção de políticas procíclicas em seus empréstimos. Além disso, recorrer a essas instituições financeiras internacionais significa maior endividamento. Em qualquer uma dessas situações, o que se segue é uma conseqüente redução na oferta pública de serviços sociais. Isso gera por sua vez uma maior carga para as mulheres, já que se espera que elas executem trabalho não-remunerado adicional para compensar a oferta pública insuficiente e a não-existência de redes de seguridade social.

Finalmente, é importante observar que, embora a adoção de políticas contracíclicas sensíveis a gênero seja fundamental, estas não são suficientes sem que se altere o modelo de produção, consumo e desenvolvimento que levou à atual crise. **Este é um modelo que prejudica a sua própria base de produção e reprodução social e por isso é intrinsecamente um modelo que descuida e é insustentável, devendo portanto ser radicalmente desafiado e substituído.**

Bibliografia:

Christa Wichterich. Re-embedding the economy in social relations and sustainable relations with nature: Feminist remarks to ongoing debates on neoliberal capitalism and crisis. WIDE, March 2009.

Mariama Williams and Yves Conze. Towards A Gender, Development and Climate sensitive framework for exploring solutions to the present Global Economic and Financial Crises. IGTN contribution to the NGO Consultation on the Commission of Experts of the President of the UN General Assembly on Reforms of the International Monetary and Financial System. February 2009.

Rania Antonopoulos. The Current Economic and Financial Crisis: A Gender Perspective. Working Paper No. 562. The Levy Economics Institute of Bard College. May 2009.

Stephanie Seguino. The Global Economic Crisis, its Gender Implications, and Policy Responses. Paper prepared for 53rd session of the Commission on the Status of Women, March 2009.